

Um livro a se debater: *Bullying*: mentes perigosas nas escolas, de Ana Beatriz Barbosa Silva

Ana Carina Stelko-Pereira

Paolla Magioni Santini

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos – SP – Brasil

O termo *bullying* é amplamente utilizado para designar situações de violência recorrentes entre pares, em desigual posição de poder, devido a condições físicas, popularidade, entre outros fatores. No Brasil, as estimativas sobre a quantidade de alunos envolvidos em situações de *bullying* apontam o seguinte: de 10% a 26% são vítimas; de 3% a 12%, autores; e de 10% a 21%, vítimas-autores (CENTRO DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL E ADMINISTRAÇÃO EM TERCEIRO SETOR, 2010; LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003; PINHEIRO; WILLIAMS, 2009). As causas da variação de prevalência entre os estudos merecem análises pormenorizadas em outra investigação, porém os índices demonstraram que o *bullying* é um fenômeno comum nas escolas, com expressivo destaque nos meios de comunicação. Além disso, há uma vasta literatura sobre o tema destinada ao público brasileiro, como: *Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos*, de Middleton-Moz e Zawadzki (2007); *Violência na escola: um guia para pais e professores*, de Ruotti, Alves e Cubas (2006); *Proteja seu filho do bullying*, de Beane (2010); *A face oculta: uma história de bullying e cyberbullying*; e *Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco*, de Maldonado (2009 e 2011, respectivamente).

Com essa perspectiva, busca-se analisar criticamente o conteúdo do livro *Bullying: mentes perigosas nas escolas*, escrito pela médica psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva (2010), uma vez que traz à tona um tema importante a ser discutido e está atualmente em diversos setores da mídia, tendo atingido número de vendas superior a 400 mil exemplares – conforme apontado pela própria editora.

O livro faz uma contribuição importante ao afirmar que o *bullying* é “um problema de saúde pública e, por isso mesmo, deve entrar na pauta de todos os profissionais que atuam na área médica, psicológica e assistencial de forma mais abrangente [...]” (SILVA, 2010, p. 14). A autora aponta também que a violência vivenciada na escola reflete um contexto social mais amplo: “A comunidade escolar tende a reproduzir, em maior ou menor escala, a sociedade como um todo” (SILVA, 2010, p. 79).

De modo geral, percebeu-se como relevante o fato de esse livro transmitir conhecimentos sobre o *bullying* ao público leigo. Essa tarefa é muitas vezes negligenciada por cientistas que não se dispõem a limitar o emprego de chavões técnicos, tornando o livro atraente ao público. Entretanto, devem-se considerar algumas ressalvas ante inconsistências pontuais descritas no texto de Silva (2010) em comparação com o que se encontra na literatura científica.

Percebe-se que é abordado, de forma sintética e didática, o que textos e artigos importantes da área têm apontado sobre as características dos envolvidos em situações de *bullying* (sejam vítimas, autores, autor-vítima ou testemunha), indicando com clareza os impactos negativos aos alunos vítimas em curto e longo prazos. Adicionalmente, Silva (2010) apresenta casos concretos que atendeu em seu consultório, incentivando a superação do *bullying* com base em exemplos de pessoas famosas que foram bem-sucedidas profissionalmente, a despeito de terem vivenciado o fenômeno (como Michael Phelps, Madonna, Steven Spielberg, entre outros). Por fim, o livro discute como o fenômeno ocorria antigamente, acrescentando discussões de como ocorre na época tecnológica atual com novos contornos, como no caso do *cyberbullying*. Apesar de tais características positivas, há, entretanto, diversas falhas no livro.

Primeiramente, há falhas conceituais sobre o *bullying*. A autora assim expõe: “o termo *bullying* pode ser adotado para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel, proposital e sistemático inerente às relações interpessoais” (SILVA, 2010, p. 22). Tal definição ampla não ajuda a discriminar o fenômeno. Segundo Olweus e Limber (2010, p. 125, tradução nossa), “*bullying* se refere a comportamentos de uma ou mais pessoas intencionais, negativos e repetidos contra outra pessoa que não é capaz de defender-se”, indicando que deve haver uma desigualdade de poder entre vítima e agressor. Olweus e Limber (2010, p. 125, grifo nosso) ainda destacam que também se utiliza a expressão “abuso entre pares”, distinguindo-se o fenômeno de maus-tratos infantis e violência intrafamiliar. Desse modo, mais adiante a autora comete um deslize teórico, pois admite a prática de *bullying* em direção ao professor, no tópico “Os professores e a violência escolar”: “Se eles sofrem *bullying* por parte dos alunos, temem procurar a direção escolar [...]” (SILVA, 2010, p. 147). A respeito de discussões conceituais sobre violência escolar, ver Stelko-Pereira e Williams (2010).

Mais grave, ainda, é o fato de Silva (2010) apresentar uma tendência a avaliar os envolvidos em termos dicotômicos: o aluno vítima como “bom” e o aluno autor como “mau”. Tal caracterização é simplista, limita a reflexão sobre o motivo da ocorrência do fenômeno e não considera a multideterminação do comportamento humano. Os agressores são descritos, no livro, da seguinte maneira: “Possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade [...]” (SILVA, 2010, p. 43), prescrevendo que, “Em se tratando de *bullying*, vale a máxima de que é preciso separar a maçã podre para que ela não contamine todo o cesto” (SILVA, 2010, p. 116).

Apesar de a perspectiva do “bem contra o mal” ser aceita pelo senso comum, os alunos autores de *bullying* precisam de atenção governamental, da escola, da comunidade, da família e dos serviços de saúde para que tenham o devido atendimento. É importante avaliar as condições a que o indivíduo está exposto e que influenciam no comportamento violento dele, bem como realizar intervenções adequadas nessas condições. A literatura científica já apontou fatores de risco importantes no contexto do desenvolvimento do comportamento agressivo e a sua relação com o *bullying*, não citados por Silva (2010).

Por exemplo, na maioria dos casos, os alunos agressivos pertencem a lares nos quais ocorre a violência familiar (MALDONADO; WILLIAMS, 2005; RIGONI; SWENSON, 2000). Pinheiro e Williams (2009) investigaram a associação entre intimidação entre pares e vio-

lência intrafamiliar e constataram que a exposição à violência interparental estava associada com ser alvo/autor de *bullying*, especialmente para as meninas, sendo que a violência parental direta aumentava a probabilidade de os meninos relatarem envolvimento em *bullying* como alvo/autor. Além disso, há chances de a família desses alunos necessitar de suporte da comunidade, da escola e do governo, pois os responsáveis podem fazer uso abusivo de drogas, estar desempregados, com dívidas, isolados e com carência de suporte social, sofrer luto mal resolvido, conflito familiar intenso e ter pais com deficiência mental ou com distúrbios emocionais (REESE et al., 2000; RIGONI; SWENSON, 2000). Adicionalmente, há agressores que apresentam baixa autoestima, sentem-se culpados pelo que fazem aos outros e não se sentem capazes de alterar seus comportamentos (KEENAN; STOUTHAMER-LOEBER; LOEBER, 2005).

Assim, os comportamentos agressivos das crianças são, geralmente, sintomas de situações de vida adversas na família e, também, no contexto de violência presente em sua comunidade. Tais condições podem ser combinadas a predisposições genéticas, como referente a temperamento, e que merecem nossa atenção e avaliação cuidadosa em conjunto com suas famílias, sem delegar a elas toda a responsabilidade. Desse modo, não parece adequada a afirmação da autora: “O que sabemos, no entanto, já é suficiente para iniciarmos uma cruzada, que una todos os setores da sociedade contra essa *covardia* praticada por pessoas que sequer têm a coragem e dignidade de dar a ‘cara a tapa’” (SILVA, 2010, p. 140, grifo nosso). Tal comentário pode agradar a opinião pública, acostuada a sugerir medidas repressoras extremas e pouco eficientes em vez de uma ação planejada criteriosamente, que demanda medidas em curto, médio e longo prazos e corresponsabilidade da sociedade, do governo e da escola para situações de violência escolar.

Apesar de a autora ser contundente na expressão de que os autores são pessoas mal-dosas, que “visam ao poder sempre em benefício próprio, seja para se divertir ou maltratar outras pessoas [...]” (SILVA, 2010, p. 43), quase como algo imutável, ela se contradiz em outros trechos do livro. Por exemplo, ao propor vivências, as quais não descrevem exatamente se foram testadas e como foram, a autora afirma que: “os alunos que praticavam *bullying* acabam por se conscientizar e passam a apoiar, dentro e fora da sala de aula, aqueles que, um dia, foram suas próprias vítimas”. Parece que a autora incentiva uma perspectiva próxima a dos contos de fadas, em que o “monstro” se transforma em “mocinho”, sem esmiuçar um conjunto de condições que tornaram o aluno agressivo e que devem ser modificadas: “Sua essência é boa e eles estão à espera de alguém que os resgate de maneira adequada” (SILVA, 2010, p. 52).

Se os alunos autores são apresentados de modo caricato, também há imprecisões quanto às vítimas. Sabe-se que estas possuem características, as quais devem ser modificadas, que as tornam mais propensas a ser vítimas de violência na escola e, no futuro, como no local de trabalho. Por exemplo, crianças do sexo masculino, que se mudam muitas vezes de escola, que têm menos habilidade de fazer amigos e confiar em adultos para protegê-las, que não participam de atividades extracurriculares e que são expostas à violência intrafamiliar podem ser mais suscetíveis à vitimização por *bullying* (WARNER; WEIST; KRULAK, 1999; SCHRECK; MILLER; GILBSON, 2003; REID et al., 2006; PINHEIRO; WILLIAMS,

2009). Desse modo, quando se discutem situações de agressão entre alunos, há que se levar em consideração como alterar padrões comportamentais da vítima, a fim de que esta esteja menos propensa a outras agressões, ao invés de apenas culpabilizar o agressor, o que nem sempre auxilia.

Apresentar casos famosos de superação é um aspecto positivo do livro. Porém, a apresentação exaustiva pode levar os leitores a pensar que ser vítima de *bullying* pode ser uma variável favorecedora da conquista do sucesso, além de estimular o culto à celebridade. Vivenciar situações adversas e superá-las pode ser fonte de aprendizagem de comportamentos que favorecem o sucesso profissional, como persistência. Contudo, não se pode dizer que todos que tiveram sucesso profissional vivenciaram *bullying*, e tampouco os que passaram por tal situação adversa não seriam considerados importantes em suas ocupações se não tivessem sido vítimas. Além disso, seria interessante um aprofundamento na discussão por parte da autora sobre quais fatores de proteção tais celebridades citadas tiveram no curso de sua vida. Dessa forma, não se considera pertinente o comentário: "O êxito e a obstinação da Madonna, no entanto, se devem, em parte, às agressões sistemáticas ocorridas durante o período escolar" (SILVA, 2010, p. 98). Outra questão é que a satisfação profissional nem sempre se relaciona à satisfação no plano das amizades, relações amorosas e familiares, de modo que não se possa apregoar uma superação simples e absoluta dos efeitos do *bullying*, apenas pelo desejo de superação. A autora assim descreve: "durante a jornada estudantil muitas foram vítimas de *bullying*, mas, felizmente, superaram traumas e dificuldades, com seu desejo obstinado de poder ver o mundo por um ângulo diferente" (SILVA, 2010, p. 91).

Com relação à proposta de intervenções pela autora, é identificado um foco constante no papel do aluno, levando pouco em consideração variáveis da própria instituição escolar. Pesquisas já demonstraram que escolas com elevado número de alunos, pouco supervisionadas, em que os funcionários não praticam a justiça e nem são próximos dos estudantes, que são mal remunerados e se sentem com pouco suporte para trabalhar estão mais propensas a ter situações de violência entre alunos (KHOURY-KASSABRI et al., 2004; WALKER; GRESHAM, 1997; REID et al., 2006; CODO, 2006; BOWEN; BOWEN; RICHMAN, 2000). Em conclusão, intervenções que alterem tais condições das instituições escolares são necessárias, bem como um treinamento a professores sobre como lidar com alunos agressivos.

Em conclusão, apesar de importante a divulgação do fenômeno *bullying* apresentada no livro em questão, faz-se necessário promover reflexão a respeito da qualidade dos materiais publicados em seu aspecto científico e não apenas mercadológico, uma vez que nem sempre os livros mais vendidos e apreciados pelo público estão consoantes com o que as pesquisas apontam. Pode-se especular que os leitores buscam livros que sejam simples e que expliquem os fenômenos em um plano de sim ou não, similar à maioria das obras de ficção, das novelas e dos filmes, em que há o bom e o mau sujeito e no qual se deva extinguir os maus sujeitos, não considerando as causas sociais que promoveram comportamentos agressivos. Tal postura é preocupante porque, por um lado, atinge o objetivo do autor, que é alcançar o que o público quer, mas, por outro lado, propõe reflexões, em larga proporção, baseadas em argumentos com pouco rigor científico.

Referências

- BEANE, A. L. **Proteja seu filho do bullying**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.
- BOWEN, G. L.; BOWEN, N. K.; RICHMAN, J. M. School size and middle school student's perceptions of the school environment. **Social Work in Education**, v. 22, n. 2, p. 69-82, 2000.
- CENTRO DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL E ADMINISTRAÇÃO EM TERCEIRO SETOR. Relatório de pesquisa *bullying* escolar no Brasil. 2010. Disponível em: <<http://www.catedra.ucb.br/sites/100/122/00001000.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2011.
- CODO, W. **Educação: carinho e trabalho**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- KEENAN, K.; STOUTHAMER-LOEBER, M.; LOEBER, R. Developmental approaches to studying conduct disorder in girls. In: PEPLER, D. et al. (Ed.). **The development and treatment of girlhood aggression**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 29-46.
- KHOURY-KASSABRI, M. et al. The contributions of community, family, and school variables to student victimization. **American Journal of Community Psychology**, v. 34, n. 3, p. 187-204, 2004.
- LOPES NETO, A. L.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro: Abrapia, 2003.
- MALDONADO, D. P. A.; WILLIAMS, L. C. A. O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 3, p. 353-362, 2005.
- MALDONADO, M. T. **A face oculta: uma história de bullying e cyberbullying**. São Paulo: Saraiva, 2009.
- MALDONADO, M. T. **Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco**. São Paulo: Moderna, 2011.
- MIDDELTON-MOZ, J.; ZAWADSKI, M. L. **Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- OLWEUS, D.; LIMBER, S. P. Bullying in school: evaluation and dissemination of the Olweus Bullying Prevention Program. **American Journal of Orthopsychiatry**, v. 80, n. 1, p. 124-134, 2010.
- PINHEIRO, F. M. F.; WILLIAMS, L. C. A. Violência intrafamiliar e envolvimento em bullying no ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, p. 995-1018, 2009.
- REESE, L. E. et al. The role of families and care givers as risk and protective factors in preventing youth violence. **Clinical Child and Family Psychology Review**, v. 3, n. 1, p. 61-77, 2000.
- REID, R. J. et al. School climate and adolescent drug use: mediating effects of violence victimization in the urban high school context. **The Journal of Primary Prevention**, v. 27, n. 3, p. 281-292, 2006.

RIGONI, D.; SWENSON, D. Beyond scripted blame: a systems approach for understanding school violence. **Systemic Practice and Action Research**, v. 13, n. 3, p. 279-295, 2000.

RUOTTI, C.; ALVES, R.; CUBAS, V. de O. **Violência na escola: um guia para pais e professores**. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2006.

SCHRECK, C. J.; MILLER, J. M.; GIBSON, C. L. Trouble in the school yard: a study of the risk factors of victimization at school. **Crime & Delinquency**, v. 49, n. 3, p. 460-484, 2003.

SILVA, A. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Revista Temas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 45-56, 2010.

WALKER, H. M.; GRESHAM, F. M. Making schools safer and violence free. **Intervention in School and Clinic**, v. 32, n. 4, p. 199-204, 1997.

WARNER, B. S.; WEIST, M. D.; KRULAK, A. Risk factors for school violence. **Urban Education**, v. 34, n. 1, p. 52-68, 1999.

Contatos

Ana Carolina Stelko-Pereira
e-mail: anastelko@gmail.com

Tramitação

Recebido em abril de 2011

Aceito em janeiro de 2012